



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

NARRATIVAS DE DOR A PARTIR DO
DOCUMENTÁRIO *QUE BOM TE VER VIVA*

Autora:

ADRIANA ALEXANDRE FERREIRA

GUARABIRA-PB

Julho/2014

ADRIANA ALEXANDRE FERREIRA

NARRATIVAS DE DOR A PARTIR DO
DOCUMENTÁRIO *QUE BOM TE VER VIVA*

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para avaliação da Disciplina Trabalho de Conclusão do Curso de licenciatura em História, sob a orientação do professor MSc. Flávio Carreiro de Santana

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F383n Ferreira, Adriana Alexandre
Narrativas de dor a partir do documentário que Bom Te Ver
Viva [manuscrito] : / Adriana Alexandre Ferreira. - 2014.
19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2014.

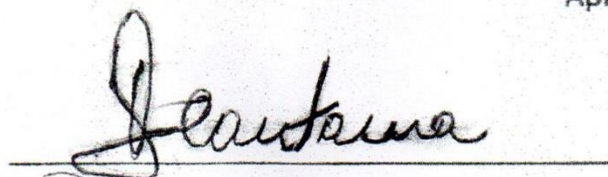
"Orientação: Flávio Carreiro de Santana, Departamento de
História".

1. Mulheres. 2. Violência. 3. Ditadura militar. I. Título.

21. ed. CDD 981.063

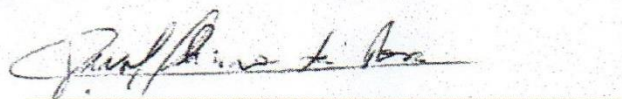
NARRATIVAS DE DOR A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO QUE BOM TE VER VIVA

Aprovado em 23/07/2014



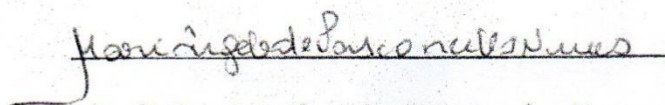
MSc. Flávio Carreiro de Santana

(Orientador)



Profª Dra. Susel Oliveira da Rosa

(Examinador)



Profª Dra. Mariângela Vasconcelos Nunes

(Examinador)

GUARABIRA – PB

JULHO/2014

RESUMO

O objetivo deste trabalho é mostrar os relatos apresentados pelas mulheres que participaram do documentário *Que bom te ver viva*. A partir da análise dos depoimentos tentaremos entender os traumas e sofrimentos enfrentados por essas mulheres durante a ditadura militar no Brasil, e como as mesmas lutam para que essa violência não seja esquecida. Essas vítimas vivem num drama permanente onde precisam lembrar para lutar por justiça e, ao mesmo tempo, a vontade de esquecer para não sentir dor. Uma tarefa dolorida para essas mulheres, mais que é preciso fazer para evitar que tudo acabe esquecido, e cabem as vítimas o dever de preservar essas memórias.

PALAVRAS-CHAVES: Mulheres; violência; ditadura militar.

Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de fazer uma análise dos depoimentos feminino a partir do Documentário *Que Bom Te Ver Viva* (1989)¹, da cineasta brasileira Lúcia Murat. Nossa proposta focaliza numa análise dos depoimentos das mulheres, como elas sobreviveram à violência, quais e são seus traumas, expondo principalmente como estão quase vinte anos depois.

O documentário mostra a violência cometida contra essas mulheres durante a ditadura militar no Brasil. Violência essa que vai da revista íntima ao estupro coletivo. São vários relatos das atrocidades cometidas contra elas, torturas com o uso de animais, onde é citado o emprego de lagartixas e a baratas.

Neste trabalho, focalizamos os depoimentos das vítimas para entendermos como elas sobreviveram a tanta violência. É através desses depoimentos que tentaremos mostrar como aquela experiência de torturas deixou marcas profundas na vida dessas mulheres, e como elas encaram isso quase vinte anos depois.

Ao longo do trabalho mostraremos depoimentos que atentam situações limites, enfrentados por elas durante o tempo em que estiveram presas. São relatos de dor e sofrimento, narrados em detalhes, que constroem as imagens das agressões e atrocidades que foram praticados contra elas.

O documentário *Que bom te ver viva*, tem como base os depoimentos de mulheres ex-presas políticas que foram torturadas durante o regime militar no Brasil². São relatos sobre as experiências vividas no período que estiveram

¹QUE BOM TE VER VIVA é uma produção independente da cineasta brasileira Lúcia Murat, foi originalmente lançado em 1989 pela Taiga Filmes em formato de VHS, e distribuído internacionalmente pela ONG feminista Women Make Movies. No documentário relançado pela Casablancafilmes, no ano de 2009, em formato de DVD, encontramos na seção dos extras o making of, produzido 20 anos depois, trazendo entrevistas com a diretora Lúcia Murat e a atriz Irene Ravache.

² Foram oito mulheres que deram depoimentos para o documentário *Que Bom Te Ver Viva*. As idades que seguem são referentes ao ano de lançamento do documentário: Criméia Schmidt

presas. A atriz Irene Ravache interpreta uma ex-militante política de esquerda que desabafa suas angústias, cenas que são intercaladas às falas das outras mulheres. O documentário tem roteiro, direção e produção executiva de Lúcia Murat, ex-presa política. Presa no Rio de Janeiro em 1971, sofreu tortura física, psicológica e sexual, teve parte de seu corpo paralisado, o que a levou a tentar suicídio. Por isso seus trabalhos são dedicados a denunciar esses crimes dos quais ela e tantas pessoas foram vítimas.

A ideia deste trabalho é mostrar como as mulheres que deram seus depoimentos sobreviveram àquelas experiências dolorosas de prisões e torturas, e como as mesmas lutam, quase vinte anos depois para preservar suas memórias e buscar justiça, contra aqueles que foram responsáveis por uns dos períodos mais sombrios de nossa história. Percebemos através dos depoimentos a preocupação das vítimas, o medo de que aquelas atrocidades sejam esquecidas.

Os depoimentos deixam claro quanto é difícil para essas mulheres conviver com a vontade de esquecer e o dever de lembrar, para não deixar ser esquecido. É a difícil luta de tentar esquecer e ter que lembrar ao mesmo tempo. A ideia de relatar fatos vividos depois de algum tempo, pode trazer de volta as lembranças de traumas não superados. Porém, para essas mulheres, é preciso fazê-lo para não permitir que tudo acabe esquecido.

Que bom te ver viva é um misto de documentário e ficção e apresenta depoimentos dados por oito ex-presas políticas brasileiras que viveram situações de tortura durante a ditadura militar. Alinhavados por esses relatos, têm-se também os delírios e as fantasias de uma personagem anônima interpretada pela atriz Irene Ravache. Com descrição de sevícias, o documentário aborda o preço que essas mulheres pagaram e ainda pagam por

de Almeida, 41 anos, uma das poucas sobreviventes da guerrilha do Araguaia; Estrela Abohadana, militante do POC, foi presa em 1969 no Rio de Janeiro e em 1971 em São Paulo; Jessie Jane, 37 anos, foi detida em 1970 durante tentativa de seqüestro de avião, sendo torturada durante três meses, ficando presa por nove anos; Maria do Carmo Brito, 44 anos, ex-comandante da vanguarda popular revolucionária, foi presa torturada durante 60 dias e passou dez anos no exílio; Maria Luiza Garcia Rosa, 37 anos, participante do movimento estudantil, foi presa e torturada três vezes; Regina Toscano, foi torturada ao ser presa em 1970; Rosalinda Santa Cruz, 43 anos, foi presa torturada e seu irmão mais novo é desaparecido político; Anônima, militante de organização guerrilheira, ficou quatro anos na clandestinidade e quatro na cadeia. Depois passou a viver em uma comunidade mística.

terem sobrevivido à experiência da tortura. Trata-se, pois, de uma das raras obras que se centra na perspectiva feminina da tortura. (CALEGARI, 2013. P.9)

Cinema e História

Há mais de um século que o cinema entrou na vida das pessoas, passando gradativamente a fazer parte de suas rotinas. Nos dias de hoje o filme está de certa forma em todos os lares, não necessitando mais ir para uma sala de projeção para assisti-lo, pois agora ele está dentro das casas, através da televisão. Assim, seria um tanto quanto imprudente ignorar o fato de que tal veículo de informação tornou-se umas das principais maneiras de influenciar e moldar, a concepção valores de mundo de uma sociedade. (MEDEIROS & RAMALHO, 2010).

Ao se tratar de filme que retratem períodos, acontecimentos ou personagens históricos, essa característica se potencializa, o que faz com que os filmes de reconstituição ganhem um grau de legitimidade extremamente relevante. (MEDEIRO & RAMALHO, 2010, p. 02).

Segundo MEDEIRO & RAMALHO (2010), quando se trabalha com documentários esta tendência em associá-lo ao real, tal qual aconteceu, é ainda maior, pois, se deposita sobre ele uma certa inocência epistemológica, cometendo-se um duplo erro: analisar o documentário a partir de um discurso inocentemente totalizador e transparente, e o erro de ter um parâmetro relativamente pobre para julgá-lo, que gira exclusivamente em torno da ênfase na fragmentação subjetiva como saída social.

De acordo com NOVAIS, (2013. P.11). No que concerne à ditadura militar brasileira, “a obra fílmica é fundamental para a construção da memória, tanto na tentativa de construir uma autocrítica sobre os destinos da nossa memória, e a possível dominação de uma memória que não considere a ação de todos aqueles que fizeram parte do período em questão”. Ajuda-nos a elaborar um passado que ainda não se resolveu completamente, cujos resquícios se sentem até os dias atuais. Sobre a presença desse passado não reconciliador, Jeanne Gagnebin nos diz que:

Esse passado que insiste em perdurar de maneira não reconciliadora no presente, que se mantém como dor e tormento, esse passado não passa. Ele ressuscita de maneira infame nos inúmeros corpos torturados e mortos. O silêncio sobre os mortos e torturados no passado costuma silenciar sobre os mortos e torturados de hoje (GAGNEBIN apud SAFETLE & TELES, 2010, p. 185).

Ainda conforme NOVAIS, (2013), a preocupação apresentada por Gagnebin, “o medo da repetição, comum a uma parte de sociedades que experienciaram regimes autoritários, movem não apenas estudos sobre essas violências, mas uma infinidade de ações políticas e sociais que tem o desejo de impedir que esses regimes se repitam”.

Que bom te ver viva trabalha com a memória, na medida em que abre espaço para o testemunho. Trata-se de um documentário testemunhal, cujos depoimentos narrados nascem de “situações limites”: são relatos esmagados pelo peso do real, e nesta medida, transformam-se numa escrita do corpo e da memória. “Os depoimentos apresentados nasceram de pessoas, mulheres ex-militantes das organizações de esquerda armadas, e nos traz uma reflexão da memória política de um período recente, segundo a narrativa das testemunhas, sobre aquilo que é avesso a compreensão: a tortura e o desaparecimento político durante a ditadura militar no Brasil”. (CERTIFICAÇÃO DIGITAL, Nº3. P.53-55).

Para as mulheres que participam do documentário seu testemunho é o único meio de tornar públicas suas experiências. Segundo Seligmann-Silva, “o testemunho consiste numa necessidade elementar, pois dela depende a sobrevivência daquele que atravessou uma situação de violência, isto é, o testemunho apresenta-se como condição de sobrevivência”. Para essas mulheres, contar suas experiências é uma forma de evitar que gerações futuras comentem os mesmos erros.

Narrativas de dor

De acordo com o documentário, para as vítimas da tortura as feridas não cicatrizam, elas permanecem abertas, podem até adormecer mais qualquer

toque é suficiente para que voltem com a mesma intensidade de antes. Para as vítimas de torturas, os traumas físicos e psicológicos permanecem para o resto da vida. Segundo Cathy Caruth, o trauma é: “*a resposta a um evento ou eventos inesperados ou arrebatadores que não são inteiramente compreendidos quando acontecem, mas retornam mais tarde em flashbacks, pesadelos e outros fenômenos repetitivos*”. A Maria do Carmo apresentou alguns desses sintomas quando foi presa em 1970 e torturada durante dois meses. Sua mãe que a acompanhou em sua militância, revela:

No principio, a vida dela foi muito difícil, ela tinha pesadelos incríveis, alucinações, sofreu muito. Um médico no Chile chegou a me dizer que, se ela tivesse perdido uma mão, um dedo, seria fácil, porque a gente viria o problema, mas não, o que ela perdeu foram células cerebrais...isso dificultou muito, em principio, a vida dela, felizmente, ela superou tudo isso, e hoje ela educa muito bem os seus filhos e, sobretudo, ela guarda uma grande coerência de vida. (Depoimento da mãe de Maria do Carmo, para o documentário Que Bom Te Ver Viva, 1989).

A militante Regina Toscano também enfrentou problema parecido. De acordo com, MEDEIROS & RAMALHO (2010). “Seu segundo marido revela que, numa noite, a memória dela veio à tona *“sem freios e sem censura”*, quando ela leu um romance do Fernando Gabeira que narrava os acontecimentos da época. Em seguida, enquanto dormia, ela balbuciava em convulsões dizendo: “filho-da-puta”, numa menção direta a seus torturadores”. Nesses casos de violência extremas as vítimas muitas vezes não conseguem se lembrar de tudo quando estão acordadas, por isso, muitos psicanalistas desenvolvem estratégias para ajudá-los a recordar conteúdos reprimidos. Assim, os sonhos são o meio utilizado para fazer a vítima reviver seu trauma. De acordo com Caruth, seguido a teoria freudiana, o sujeito sonha porque não consegue enfrentar a consciência da morte quando está em vigília. Ainda conforme Caruth, (2000). “O sobrevivente é incapaz de ver o horror e estar acordado ao mesmo tempo”.

O documentário mostra que é comum pessoas que sofreram torturas apresentarem comportamentos alucinógenos. Rosalinda Santa Cruz teve um irmão desaparecido durante a ditadura, cuja busca tornou-se uma obsessão. Ela passou a ter visões com ele, via um rapaz e já imaginava que era seu irmão, tal como expôs:

Eu comecei a ver o Fernando na rua, em cada rapaz moreno, rapaz daquela idade...eu as vezes, seguia pessoas na rua achando que era o Fernando, Né!. E, um dia, eu vinha de carro da três de maio, olhei para um ponto de ônibus, e vi um rapaz parado...Eu desci do carro correndo e me abracei com ele,e, quando eu olhei, ele estava olhando para mim, e eu senti o olhar do Fernando, só que ele não me reconhecia...E eu comecei chorar abraçada no rapaz numa verdadeira crise de choro, e eu olhei novamente para o rosto dele e não era o Fernando.(Rosalinda Santa Cruz, depoimento para o documentário Que Bom Ter Ver Viva1989).

O fato de Rasalinda ter sobrevivido e seu irmão não, gerou nela um sentimento de culpa. Sobre isso, Seligmann-silva (2008) nos diz que: “o sobrevivente vive o sentimento paradoxal da culpa da sobrevivência”. “Muitos sobreviventes desse tipo de horror sentem-se culpados, por estarem vivos, enquanto outros tiveram que morrer”. Para a Rosalinda, superar a morte do seu irmão foi muito difícil porque o corpo nunca foi encontrado. Então, esta morte não era algo concreto; se não havia corpo, não se tinha a certeza da morte. Em seu depoimento ela afirma que a pior coisa para família do desaparecido é a busca interminável pelo parente desaparecido. Segundo ela:

A busca por Fernando foi uma coisa pra gente enorme e interminável. Eu acho que o preso político desaparecido, a questão do desaparecido foi à invenção mais terrível que a repressão pode ter feito. É uma situação talvez mais louca do que a própria situação da tortura. Porque é uma morte onde a gente não tem o corpo, e onde a gente não tem o sentimento de morte. Porque mesmo quando a gente perde uma pessoa muito querida... quer dizer a única forma de aceitar a morte é ter o corpo. É poder enterrar e dizer “esta dor tem que ser suportada e vencida”, porque ela existe. E como não existia o corpo, existia sempre a esperança de vida.(Rosalinda Santa cruz, em depoimento para o documentário Que Bom Te Ver Viva, 1989).

De acordo Gagnebin (2010), aqueles que não conseguimos enterrar os desaparecidos, não são somente fonte de tristeza e de indignação porque não podemos lhe prestar uma última homenagem. Não sabemos como morreram nem onde estão seus restos, e isso nos impede, mesmo que especialmente a seus familiares e amigos, de poder viver melhor no presente. Precisamos, pois enterrar os mortos para saber que nós, igualmente mortais, seremos também enterrados quando morreremos, enterrados e lembrados por aqueles que vêm depois de nós.

O documentário também aborda a questão de como essas mulheres são vistas hoje em dia quando falam da tortura. Segundo as depoentes, falar sobre o assunto é difícil porque muitas vezes elas são vistas como rancorosas que

não conseguem esquecer. Segundo a narradora Estrela, elas mesmas se questionam em alguns momentos se tem o direito de constranger tantas pessoas com seus relatos, assim ela diz: *“ninguém quer ouvir, ou aqueles que escutam se mobilizam tanto que gera um constrangimento. De modo que você se pergunta: qual o direito que você tem de mobilizar tanto uma pessoa”*, o que corrobora Rosalinda quando fala:

Hoje a gente corre outro risco, quer dizer, quando a gente fala dessas coisas parece que estamos falando de uma coisa velha, uma coisa do passado. Parece que a gente não consegue esquecer. Eu já ouvi muitas vezes as pessoas falarem: como é, não dá pra passar uma borracha nisso. Lá vem de novo falar em tortura, mas que coisa mais antiga, esquece” eu acho que as pessoas que não passaram por isso, não tiveram uma pessoa querida, um irmão, um pai desaparecido não pode imaginar o quanto isso é importante para a humanidade. (Rosalinda Santa Cruz, depoimento para o documentário, *Que Bom Te Ver Viva*, 1989).

Fica claro o quanto é difícil para essas mulheres enfrentar o preconceito das pessoas e tornar públicos suas experiências de dor e sofrimento. Todas falam que há uma cobrança por parte da sociedade para que elas esqueçam, porém, no que depender delas, isso não vai acontecer. De acordo com MEDEIROS & RAMLHO (2010. P.7). A Criméia afirmou *“que persiste na cobrança, que não faz parte desse acordo de silêncio”*.

Sobre a política do silêncio, Edson Teles descreve uma situação que ganha contornos ficcionais em *“A mancha”*:

As novas relações sociais repetem certa violência contra as vítimas da ditadura, agora na forma da indiferença e da exclusão. Os poucos testemunhos da violência, sem acolhimento de uma dimensão pública livre, são forçados a sofrer uma nova ofensa, a impotência de suas palavras e a recepção surda muda de suas falas. [...] A tortura cria uma memória doente, impossível de ser esquecida, mas também interdita a fala. (TELES, 2010).

O conto evidencia os dois tipos de silêncio identificado por Teles no período posterior a ditadura brasileira. “De um lado, o silêncio dos sobreviventes da repressão, que se calam pela própria incapacidade de dizer o indizível do horror e também pela inexistência de um âmbito capaz de acolher a narrativa dessa memória. De outro, o silêncio de parte da sociedade brasileira, que se nega a falar sobre o assunto ou a ouvir o que a ele se refira, numa tentativa de se livrar de sua inarredável responsabilidade coletiva”. Esse foi um tema muito ressaltado pelas depoentes: a falta de ouvintes para seus relatos,

ficando esse público ouvinte restrito aos familiares e alguns interessados pelo assunto. Ainda sobre isso a personagem da atriz Irene Ravache, revela em tom provocativo o seu ressentimento em relação àqueles que são incapazes de compreender a dor e o sofrimento das vítimas de tortura:

“Eu sei que você vai dizer que já fiz esse discurso mais de mil vezes e que já sabe e que já teve até anistia e isso já passou, mas passou para quem cara-pálida? Porque quem passou a borracha em cima disso, esqueceu de me avisar que eu não posso me lembrar”.(Personagem da atriz Irene Ravache, depoimento para o documentário, Que Bom Te Ver Viva1989).

Segundo Jeanne Gagnebin (2010. P.180), a anistia não consegue o que sua semelhança fonética com o termo amnésia promete: ela não pode nem impedir nem mudar o lembrar, ela não pode ser um obstáculo à busca da “*verdade do passado*”, como se diz, aliás, de maneira bastante ambígua. Ela somente pode criar condições artificiais, talvez necessárias, que tornam possível uma retomada mínima da existência em comum no conjunto da nação. Ela configura uma trégua, uma calmaria provisória, motivada pelo desejo de continuar a vida, mas não é nenhuma solução, nenhuma reconciliação, menos ainda um perdão.

Sobre a tortura o documentário mostra que todas mulheres tem em comum: a experiência da tortura, porém, individualmente cada uma tem um relato diferente dessa experiência. A depoente Estrela, por exemplo, fala sobre uma procissão que ela participou. Segundo ela: “*todos tinham que andar nus com uma vela na mão amarrado a fios elétricos cantando Jesus cristo eu estou aqui, ela disse que quem não cantasse iria para o pau-de-arara*”.

De acordo com MEDEIROS & RAMALHO (2010. P.7). A Estrela, por ter sido torturada com a utilização de jacarés, desenvolveu um trauma em relação à lagartixa, com a qual faz analogia, desesperando-se toda vez que vê uma, tendo crise de choro. “*O problema não é esse virar ou não virar um jacaré, é o que elasujeita. Quando olho a lagartixa volta à memória toda do que foi aquela situação, e não só aquela, mas a situação de prisão e de tortura*”. Todas elas relatam o sentimento de impotência diante do torturador que podia dispor do corpo delas como quisesse.

Segundo Kehl (2010. P. 130), o corpo torturado, é um corpo roubado a seu próprio controle, corpo dissociado de um sujeito, transformado em objeto nas mãos poderosa do outro- seja o Estado ou o criminoso comum. A tortura refaz o dualismo corpo/mente, ou corpo/ espírito, porque a condição do corpo entregue ao arbítrio e a crueldade do outro separa o corpo e o sujeito. Sob tortura, o corpo fica assustado ao gozo do outro que é como se a “alma”-isso que, no corpo pensa, simboliza, ultrapassa limites da carne pela via das representações- ficasse a deriva.

“A fala que representa o sujeito deixa de lhe pertencer, uma vez que o torturador pode arrancar de sua vítima a palavra que ele quer ouvir, e não o que o sujeito teria a dizer. Resta ao sujeito preso ao corpo que sofre nas mãos do outro o silêncio, como última forma do domínio de si, até o limite da morte”. (MariaKehl, 2010. P.131).

Outro ponto que o documentário aborda é questão da maternidade. A depoente Criméia fala sobre essa experiência. Segundo ela, “*ter um filho na prisão foi uma situação difícil, mais ao mesmo tempo foi uma sensação gostosa, eles tentam acaba comigo e nasce mais um*”. Porém, a experiência da gravidez na prisão deixou na Criméia traumas profundos: no depoimento contido na tese de doutorado de Lima fica evidente todo sofrimento enfrentado por ela:

(...) Quando eu era torturada, o bebê tinha soluço, dentro do útero. Depois que nasceu ele tinha soluço quando havia barulhos semelhantes ao que ouvira na tortura. Barulho de metal, de chave. Quando se tortura uma grávida, não se tortura apenas uma pessoa, mas duas, uma delas se quer tinha consciência do que estava se passando.(...) Depois que meu filho nasceu, ele foi usado como instrumento para me torturar.(LIMA,1998,p.518).

Para Criméia, a maternidade marcou profundamente sua vida, e os traumas de ter engravidado na prisão fizeram com ela nunca mais desejasse ter outro filho.

Já a Regina Toscano que perdeu o filho na prisão, nos fala de seu desejo de ser mãe:

“Durante a cadeia. O que realmente me segurou foi a vontade de ter um filho. A certeza de que eu ia ter um filho isso representava pra mim vida. Se eles estavam querendo me matar eu tinha que dá uma

resposta com vida ta ai, que as coisas não acabam. E a primeira coisa que eu fiz ao sair da cadeia [...] foi engravidar”. (Regina Toscano em depoimento para o documentário, Que Bom Te Ver Viva 1989).

Diferente de Criméia, a experiência de ter sido presa grávida não tirou da Regina o desejo de ser mãe quando saísse da prisão, e o fato de perdido seu filho enquanto estava presa só deu a ela mais vontade de ser mãe.

Sobre a tortura sexual, o documentário mostra o preconceito que essas mulheres enfrentam porque, mesmo depois de tanta violência sofrida, não perderam o desejo pelo sexo, e isso fica claro na fala da personagem da atriz Irene Ravache quando ela diz: *“eu odeio quando vocês dizem que se fosse com vocês nunca maistrepariam. Eu gosto de trepar, por que? Eu não tenho o direito de gostar?”* Ela deixa claro que mesmo depois de tanta violência essas mulheres conseguiram ter equilíbrio e construir relações afetivas sim, e nessas relações gostar do sexo faz parte.

Sobre o preconceito enfrentando por elas é possível perceber em outra fala da personagem da atriz Irene Ravache quando ela diz:

“Eu tenho certeza que ele leu a matéria e agora não quer mais me ver. Ta simplesmente sem saber o que fazer o bobalhão. Idiota! Acha que não vai mais conseguirtrepar comigo porque com mártir não se trepa! (...) É isso, não é cara? (...) Quem sobreviveu não é humano, todos vocês acham que a gente é diferente só pra fingir que nunca vão estar no lugar da gente. (...) Essa é minha história e vão ter que me suportar”.(Personagem da atriz Irene Ravache, em depoimento para o documentário, Que Bom Te Ver Viva.1989).

A personagem se ressentida dos constrangimentos que suas experiências do passado provocam na sua vida presente, reclama a incompreensão das pessoas de fora que não consegue vê-los como pessoas normais.

De acordo com MEDEIROS & RAMALHO (2010), a diretora do documentário procurou mostrar que para aqueles presos políticos só existiam duas saídas: a loucura e a sobrevivência. Quem enlouquece tem direito a internação e o isolamento. De quem sobrevive cobra-se o esquecimento. A tortura fica em segundo plano. Sobre esses momentos de insanidades enfrentados por essas mulheres podemos destacar o caso da Maria do Carmo, no momento de sua prisão, enfrentou situações traumáticas. Foi presa em companhia de seu marido, Juarez, com quem havia feito um pacto de morte, caso fossem pegos. Este consistia em um atirar no outro, pois acreditavam que

não conseguiriam sobreviver após a morte do outro. O fato é que ela atirou contra os policiais e ele, puxou a arma da mão dela e atirou contra a si mesmo e morreu.

Ainda segundo MEDEIROS & RAMALHO (2010), durante anos Maria do Carmo viveu atormentada, com a dificuldade em aceitar que não tinha cumprido o pacto por não ter morrido com ele. Na época de seu depoimento, no entanto, já havia conseguido compreender que, na verdade, ter atirado nos policiais e não em si própria ou em seu marido, foi um ato de sanidade, que o certo é lutar, não se entregar, buscar sobreviver.

O documentário mostra que para essas mulheres sobreviver não foi à tarefa mais difícil: mais difícil foi sobreviver e manter a sanidade, um depoimento reforça isso: *“sobreviver era instintivo, qualquer animal sobreviveria, porém, ter sobrevivido se enlouquecer essa foi à grande vitória da gente”*. Ou seja, a maior vitória deles foi não perder a lucidez.

Podemos observar também que essas mulheres como nos relatam MEDEIRO & RAMALHO (2010). “Quebraram”, em um só momento, muitos tabus pertinentes a época, vistos que elas ousaram sair de sua condição de gênero e entrar em um mundo majoritariamente masculino, fazendo, assim, uma dupla quebra de tabus sociais: a luta armada para elas teve significados diversos dos homens, pois tiveram influências, motivações e vivências particulares do ponto de vista pessoal e social, tanto dentro das organizações quanto nos centros de repressão. Logo, essas mulheres levaram com elas lições somente possíveis dentro da visão feminina.

Segundo as depoentes, mesmo lutando igual aos homens, elas eram vistas muitas vezes como “coitadas”, incapazes de pensar por si próprias, e que, se estava naquela situação, certamente tinha sido induzida por um companheiro. Logo, era mais fácil aceitar essa hipótese do que ver a verdade que mulheres eram tão capazes quanto homens de lutar por seus objetivos. Segundo elas, aceitar o lugar de “coitadinha” poderia livrá-las de castigos mais pesados. Porém, nos depoimentos todas são unânimes em dizer que esse lugar de vítima não tinha nada haver com elas, estavam ali porque queriam, e eram perfeitamente conscientes do que estavam fazendo.

A diretora procura mostrar através dos depoimentos dessas mulheres que é possível seguir em frente apesar de tudo. Ela mostra que todas deram continuidade a suas vidas, a maioria delas com filhos, todas trabalhando, em profissões: como médica, enfermeira e professora são atividades que de alguma forma procura ajudar o próximo. Segundo MEDEIRO& RAMALHO (2010. P.11), “algumas continuam até hoje participando de militância política defendendo seus ideais, e o caso de Pupi que trabalha na organização do movimento dos trabalhadores”: *“A minha relação com a política continua a mesma. Continuo até hoje achando que vale apenas lutar para transformar o mundo num mundo melhor, embora enxergue que a gente vive hoje... Ele não tem essas ilhas ideais que eu achava que tinha”*. Mesmo não acreditando num mundo perfeito, Pupi continua lutando para torná-lo melhor.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho, percebemos como é difícil para as vítimas da ditadura militar lutar por justiça quase vinte anos depois, percebemos através dos depoimentos a solidão das vítimas que não encontrampúblico disposto a ouvi-las, elas reclamam da falta de interesse das pessoas que não querem saber de suas experiências e cobram delas o silêncio e o esquecimento, porém como mostrou o filme é impossível para quem viveu situações de dor e sofrimento passar uma borracha em cima de tudo e fingir que nada aconteceu.

Percebemos através dos depoimentos a preocupação da diretora em construir uma imagem das agressões através dos relatos das mulheres, depoimentos que dão a dimensão das atrocidades que eram praticados naquele período. Esses horrores são narrados em detalhes mostrando como essas práticas eram cruéis e desumanas, este depoimento da presa política Nilce Cardoso mostra isso: “fui colocada no pau de arara. Conheci o terror da dor física violenta, quase insuportável, e a dor de alma diante daquele horror que eu jamais imaginara que pudesse existir, embora já tivesse lido relatos sobre tortura”. (GINZBURG. 2010. P. 145). Através deste relato percebemos que a tortura foi o mais perverso de todos os crimes praticados durante a ditadura militar brasileira.

De forma geral, a intenção do documentário é servir como instrumento de denúncia e preservação da memória dessas vítimas. Percebemos que a diretora Lúcia Murat se preocupa em mostrar através dessas mulheres que é possível sobreviver a situações de dor e seguir em frente, foi isso que a mulheres que deram seus depoimentos em que bom te ver viva fizeram, seguiram suas vidas, porém, sem esquecer de lutar por justiça.

REFERÊNCIA FÍLMICA:

Que Bom Te Ver Viva (BRASIL:1989). Direção: Lúcia Murat. Produção: Lúcia Murat. Roteiro: Lúcia Murat. Distribuição: Embrafilme. Gênero: Semidocumentário. Duração: 100min.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS:

CALEGARI, Lizandro Carlos, <**Testemunhos, Trauma e Identidade em que bom te ver viva**> Amerika [Em Ligne], 8 | 2013.

CARUTH, Cathy. **Modalidades do despertar traumático (Freud, lacon e a ética da memória)**. In: nestrovski, Athur, Siligman- silva, Márcio (org.). Catástrofes e representação. São Paulo: Escuta 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **O preço de uma reconciliação extorquida**. In: SAFATLES, Valdimir; Teles Edson (orgs). O que resta da ditadura. São Paulo. BOITEMPO, 2010.

GINZBURG, Jaime. **Escritas da tortura**. In: SAFATLES, Valdimir; Teles Edson (orgs). O que resta da ditadura. São Paulo. BOITEMPO, 2010.

KEHL, Maria Rita. **Tortura e sintoma social**. In: SAFATLES, Valdimir; Teles Edson, (orgs). O que resta da ditadura. São Paulo. BOITEMPO, 2010.

LIMA, Ruth Ribeiro de. **Nunca é Tarde para Saber. Historia de guerrilha**. São Paulo, 1998, p. 518. (Tese de doutorado/ USP).

MEDEIROS, Angela Cordeiro e RAMALHO, Thalita Aragão. **Que Bom Te Ver Viva - memórias das mulheres**: In: O olho da história, n. 14, Salvador (BA), junho de 2010.

NOVAIS, Adriana Rodrigues, **Cinema e memória da ditadura no Brasil (1964-1985). Uma análise do filme ação entre amigos (1998)**-UFSCAR. 2013.

PUC RIO-**Certificação digital** N° 0410544|06, Cap. 03. pdf.(53-55).

SELIGMAN-SILVA, **Márcio. Narrar o trauma; a questão dos testemunhos de catástrofes históricas.**Psic. Clin. Rio de Janeiro, vol. 20, n1, p.65-82, 2008.

TELES Edson. **Políticas do silêncio: A memória no Brasil Pós-Ditadura.** Disponível em: <HTTP:// lasa. Interacional. Pitt. Edu | members | congress-papers | lasa 2009 | files | Teles Edson. PDT. Acesso em 10 de abril de 2014.